

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director — ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente — SABILNO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1. de Maio de 1895.

NUM. 15

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre. 28000
Numero avulso. 500
Pagamentos adelantados.

Por conveniencia de cobrança deixamos de acceptar assignaturas para o interior e Estados por menos de um semestre. O preço e' porem o mesmo da capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peçõas que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 1.

SUMARIO. — Os quinze dias, L. Brug.; — Desmoronamento, Arthur Theophilto; — Historia triste, Bruno Jacqy; — Criminologia e direito, Clovis Bevilacqua; — Os potes, Rodolpho Theophilto; — Doente Lavinia Barreto; — No mar do norte, Eduardo Saboya; — Chronica, X. de Castro; — Recordos, A.; — Imprensa Literaria, S. B.; — Velho thema, Guilherme de Miranda; — Archivo, S. A. — Carteira.

Os quinze dias

Não me lembra em qual das *Cantos Extraordinarios* de Edgard Poe ha umas interessantes observações sobre este fluxo e refluxo a que obedece uma palestra animada, ou um pensamento trabalhando no cerebro, tão vicioso e caprichoso ás vezes que meia hora depois de encetada a conversa ou a cogitação, já não sabe a gente de que ponto partiu a palestra ou a idéa, ou se sabe espantado do contraste enorme, da distancia pavorosa que separou o thema primeiro e o que ora domina.

Um dos personagens do conto, exquisito e sombrio como todos os tipos de Edgard Poe, possui uma perspicacia tão grande, uma penetração de espirito tão profunda, que proferindo alguém uma phrase, e ficando em silencio, consegue elle acompanhar o curso das idéas que proseguem na alheia mente, de tal sorte que se uma

nova phrase se proferir depois, já não o surpreheende.

Ora, neste mister de chronica a suprema arte estaria talvez em passar de um assumpto para outro sem saltos bruscos, antes com a subtilza, a gradação natural com que as idéas vão surgindo em um espirito cogitabundo.

Mas a difficuldade é extrema, é insuperavel para quem não seja genial, ou não tenha perspicacia do personagem do Poe... Como achar, por exemplo, um encadeamento que consiga ligar estes dous successos do mez: a paz chino-japoneza e o ultimo livro do Antonio Salles?

O chronista não o pode. Procure-o algum desoccupado leitor, que tenha pretensões a imitar o personagem do singular norte-americano.

Não foi certamente a terminação da guerra na Asia oriental que fez esquecer o nosso Xavier no dia anniversario de sua morte...

Imaginaes de quem se trata o amavel republicano encadernado as pressas, ou pensaes que falo de algum defuncto Xavier contemporaneo? Deixe-me que vos avise esta patriótica tommora adocencia e empuerada: falo do Joaquim José da Silva Xavier, o enfreado, o esquiartado, o confisgado, o insultado Alfores Tiradentes!

Lastimo que se tenha esquecido aqui o 21 de Abril.

Tiradentes tem de certo as proporções de um Christo nacional, de um verdadeiro Libertador, e é em vão que alguns iconoclastas turbidos de uma pedantesca e contestavel clarividencia historica queiram amesquitar o faminho do abnegado heroe brasileiro. Não obstante a meia sombra de lenda que envolve as scenas da tragedia de 1792, o seu culto de propheta destaca-se em nossa Historia como o symbolizador do soffrimento pela Patria, e o seu nome precisa ser lembrado e glorificado no menos um dia em 365.

Mas afastado e mais vago no horizonte da lenda esta a figura de Guilherme Tell, o a patriótica Suissa não o esquece nunca.

A guerra entre a China e o Japão acabou com a paz... como é uso acabarem todas as guerras, desde o tempo do cavalleiro de la Palice. Foi uma campanha de conquista, e agora reinos, cidades, ilhas estão passando em tropel, como as paradas, a mão do mais feliz jogador.

Velha e barbara China, que te vanglorias de tua civilização antiga e soavel, Japão ambicioso e cruel, que tentas encobrir teus instinetos oppressores sob este manto, que ainda não se te agenta no corpo, do europeismo, — vede na joven e livre America como terminam suas dissensões duas Republicas, que não tem entre si a distancia de um mar; acabam ellas de entregar a sorte do um pedaço da Patria ao voto de um Juiz, como nos tempos patriarchaes, — e são dous povos muito mais capazes para a guerra, muito mais hericos e destemidos do que vos, carabaxados e feios asiaticos!

As *Trovas do Norte* ainda são uma novidade. Não se pode dizer bellas o que escreveu Musset sobre aquella celebre cantora, em bellos versos que eu nutro aqui: *Sans doute il est trop tard pour parler encore d'elle... quinze jours sont passés...*

Não, não é muito tarde, nem é tarde ainda. Esse bel o livro não é successo para simplesmente quinze dias, antes para muito mais de quinze annos. Roubemos, pois, este assumpto ao primeiro medo do mez e consagramos-lhe algumas linhas. Demais, não deve o *O Pão*, revista de lettras, considerar a publicação de um livro o assumpto principal do mez, e de um livro de Antonio Salles?

Façamos um rapido elogio e um curto reparo.

Resumamos o elogio. Synthetisemo-lo em *Só*, porventura o soneto lyrico mais bello dos *Versos Diversos* e das *Trovas*. (Por um quasi este soneto não me é offerecido, sendo-o a quem foi.) Imagino, quando o leio, que o poeta o escreveu a volta, talvez, de uma d'essas reuniões mandadas, baile, theatro, sarno, em q' o gentilihomem desce fim de seculo so tortura n'uma *Historia* futil e inoffensiva, perturbado pelos aromas de versos soltos, pelo fulgor das lousas, febril do esforço de intelligencia contínuo para a phrase apurada, para o equilibrio do espirito e do interesse da palestra, praticando enfim com uma pena infinda a theoria do parecer bem aos outros, da *poese*, como tambem se diz. Rememorando na sua solidão os olhares laugidos e mentirosos, os sorrisos doces e trahidores, tanta belleza e artificial, tanta gra e vaidade amargurada, tanta... pendida, comprehendendo, brrr... que

todos n'aquelle meio estavam nas mesmas condições de espirito, com o mesmo tedio, com a mesma mentira brilhando na face; e sentindo o poeta sua alma delicada tão acanhada, tão falta do ar da sinceridade e da simplicidade. — tão só — desopprimio-se n'esse soueto sincero e melancolico. — em verdade, versos assim desafegam mais que um suspiro!

Abreviemos o reparo. Desejo fazel-o, não só para libertar uma humilde opinião, como para mostrar que a *Padaria* não merece a pocha que se lhe atira do ter suas opiniões peiadas pelo elogio mutuo, accusação felizmente feita por alguns incapazes de discernir onde acaba o enthusiasmo da camaradagem intellectual e onde começa a livre analyse.

Não acha o nosso admiravel e admirado poeta que deveria ter expandido um pouco a esfera de suas impressões genuinamente, caracteristicamente cearenses ou noristas para que o mavioso titulo *Trovas do Norte* se desse melhor com o que encerra o livro?

Não é distincto na poetica o campo da trova? Podem-se considerar trovas do norte, do norte do Brazil, toda esta colleção brilhante de estrophes lyricas de estylo facil e delicado, de forma burilada, mas despretenciosa, quando não se vê com a cor local senão na *Balladas hucolicas* (leitas a maneira das conhecidas balladas de Olavo Bilac) e alguma outra ligeirissima impressão da natureza exterior; quando o que domina em todos os versos é o sempre vivo amor, o thema poetico de todas as epochas e de todos paizes, desde Salomão até os cento e cinquenta poetas vivos que felicitam o Ceará, desde o Japão até Portugal, — o universal assumpto enfim?

Parece que o titulo não é logico pelo simples facto de o auctor ser cearense e ter escripto e publicado o livro no Ceará. Gonçalves Dias poderia ter chamado todas suas colleções poeticas de *americanas*, mas só o fez aquellas de suas produções que tinham o caracter puramente *neo-continental*, si admittem esta expressão.

Creio que o proprio Salles não achará de todo desacrassando a que fica dito. Do resto não será o primeiro poeta contemporaneo que se preocupa em encerrar na primeira folha de sua obra uma ou duas palavras que se destacuem pela graça ou pela originalidade. O esforço que se faz para isto é tão grande que bem merece hoje um titulo as honras de uma peça poetica como as do interior do livro.

I. BRIG.

Desmoronamento

I

Calma tarde de Maio, de tons indesejos, aquella em que, no lento passo da cavalgada, o moço sacerdote vinha rumo da aldeia natal, atravessando a longa campina estrellejada de florinhas, de trevos e de musgos.

Pela campina a fóra, a tristeza queita do crepusculo desca, cresce, augmentava, numa pallida indecisão de luz e de sombra, enquanto no hori-

zonte longiquo o céu se nublava de novos raios de ouro do sol que se havia occultado.

Sobre os galhos dos solitarios caçujeiros, cigarras cantavam melancolicamente. Manadas de ovelhas se recolhiam ao redil, balando.

O moço sacerdote, mudo, seismando, seguia. Vinham-lhe em tropel, na incandescencia do sonho, lembranças da sua infancia, lembranças pungidas que o faziam vergar ao peso de uma profunda e impiedosa nostalgia.

E, na subjectiva existencia que a sua allucinação de vidente e de mystico idealisava, elle se via menino, a brincar, a saltar de arvore em arvore, à margem do rio da sua terra natal, coberta de grandes jazeiros gloriosos e onde tantas vezes elle brincara com a sua loira priminha — a Geny.

A Geny!... Como estaria ella?

E a seiva borbulhante da sua mocidade, enjudada por tantos annos entre os quatro muros do seminario, irrompia brutal, torruído nervoso, tilatando-lhe a pupilla doce e serena de apostolo, na febricitante allucinação da carne impiedosa e má.

E estremecia. Sentia um calor suffocante no rosto e uma oppressão incommoda no tronco, como si estivesse congelado.

A Geny!... Aquella intempestiva lembrança tornava-o odiento; esportava a besta soffregamente; chicoteava-a.

A sua hysteria, habituada no seminario a gosos incompletos, exigia agora energicamente o acolhego de uns seios mornos de mulher bonita, numa placida e feliz existencia de noivado eterno.

Noivado eterno, agora que estava para sempre amortalhado sob aquella bellinda batina preta!

Odiava o seminario com a sua eterna paz beata de mosteiro, odiava o reitor, odiava o bispo que o tinha sagrado sacerdote, esmagando sob o peso do terrivel juramento todas as suas esperanças.

Dos seus rasgados e negros olhecos meridionalardentes sahiam fulgurações de amor e de paixão, quando, na luta tremenda da razão e da carne, o seu raciocinio de sacerdote se deixava vencer.

Então, elle esportava a besta tyranicamente, febrilmente, como si estivesse doente.

Corria agora em desfilada, rumo da casa, onde, na febre da sua nevrose, elle distinguia o doce e meigo perfil da Geny, muito amorosa, fallando-lhe baixo cariciosamente.

Longe, na tenue opacidade do crepusculo, as torres brancas da eronda surgiam, apuradas, e pequeninos rolos de fumo subiam em espiraes bizarras lentamente, cavacolando.

II

No dia seguinte, quando o jovem padre acobrou, um frumto de febre e de exaltação correu-lhe o corpo; tinha sonhado.

Fôra a Geny riase preparando os feitejos para a missa nova.

Ah! como elle se sentia miseravel assim, sem amor, sem amortalhado vivo dentro d'aquelle roupão negro!

E batendo desdoldamente fallava

— *Perindo no cadaver... Perindo no cadaver...*

Aquella voz cava era como uma triste e pungitiva desolação!

Na janella, a insinuante vibração luminosa daquella morna manhã, elle permaneceu mudo, o olhar longo flo imperturbavelmente, no pasmo idiota da duvida, enquanto dentro sentia mur-se a sua creença devota de mystico, em um doloroso desmoronamento que elle não sabia explicar.

Entretanto, como uma alvorada nova de fé, a risada de Geny ia florindo nos escombros da sua creença morta à cruel impiedade d'aquella imensa paixão.

III

Quando, mais tarde, elle seguia sereno e tranquillo para celebração sua primeira missa, todo o mysticismo devoto da sua creença tinha desaparecido, e na hostia, no altar, em toda parte, elle apenas eschergava o rosto meigo e gracioso da sua loira priminha, — companheira de infancia e alma gemma da sua.

Amava-a.

1893.

ARTHUR THEOPHILLO

HISTORIA TRISTE (1)

*Era tão ceca e tão linda
Sempre risinha e brincava...
E não sabemos ainda
Porque se atirou ao mar.*

*De lozes nuvens sombrias
Seu rosto se escureceu;
Vinol-a triste alguns dias,
Depois desapareceu.*

*Mais tarde, sobre um rochedo
O oceano arrevesou
Seu corpo, mas sem segredo.
A ninguem n'o recitou.*

*Ah! eu havia de ser
O maior sabio do mundo
Se conseguisse saber
Quanto sabe o mar profundo!
Ceará—1893.*

BRUNO JACY.

(1) Suggestida por uma composição de A. Graf.

Criminologia e direito

II

A preocupação biologica é ainda a causa de a anthropologia criminal entender que para o legislador, como para o criminologista, se deve existir o criminoso, mas não propriamente o crime que é uma entidade abstracta.

Certamente o delinquento deve ter uma constituição physiologica adequada a oclosão do crime, ao menos em sua generalidade. E uma consequencia immediata da doutrina, ha muito victoriosa em psychologia, segundo a qual os phenomenos mentaes de qualquer modalidade tem, por concomitantes necessarios, certos modificadores do systema nervoso que n'õ podemos deixar de considerar como determinantes ou como condicoes.

aparecimento dos phenomenos psychicos. Isto que é verdade para os actos da vida normal deve ser-o necessariamente para os da vida anormal, da qual é parte consideravel a delictuosidade. É é justamente porque estou convencido da intima ligação, da consonancia fundamental entre o physiologico e o psychico que julgo natural attribuir, a pena, uma poderosa força modificadora das condições geraes da criminalidade. Mas a pena, agindo sobre os individuos, com a continuação de sua acção, produzirá no organismo psychico, na consciencia da especie, uma saturação dos principios que ella defende. Dese facto resulta uma dupla consequencia: a pena, visando directamente o criminoso, alveja, em repressão, a extirpação do delicto no grupo social; ferindo exclusivamente ao individuo, actua mais eficazmente sobre a collectividade, cuja moralidade consegue ir transformando.

Estou convencido de que ha em pathos criminogeno, um morbus que impelle ao delicto, qualquer que seja a sua natureza, e contra o qual a pena se revelara impotente na maioria dos casos: mas essa anomalia é menos commum do que se poderia suppor. Estou igualmente convencido. O que mais ordinariamente se depara na vida, é a combinação de certas condições physio-psychicas apropriadas á perpetração do maleficio, com certas outras condições sociais que fecundam esse germen individual, se é que muitas vezes não o fazem produzir-se. E nesse campo, a acção da pena é certamente eficaz; não que faça desaparecer completamente o delicto, mas circunscrevendo-o e, mesmoo, conseguindo eliminar algumas de suas formas, segundo no-o testemunha a historia do direito criminal.

É considerando tudo isso que eu repito ainda hoje o que tive occasião de afirmar, quando Carnevale agitou a tormentosa questão da *terza scuola di diritto penale* no volume do ardente pamphletto que trazia como insignia de combate este titulo provocante: — Acreditado no advento de uma doutrina criminalistica, filha dos nossos processos sem renegar a tradição dos velhos operarios que tanto se esforçaram para desbravar o terreno hoje victoriosamente pisado pela escola positiva. E este facto se me antolhava tanto mais simples e natural, quanto achava que a evolução mental, neste dominio não poderia ter uma solução de continuidade, como não tinha em todos os outros. Além disso a nova escola nos havia sido trazida como uma consequencia da concepção evolutionista ou naturalista do mundo e achara os espiritos aptos para aceitar-a.

« É claro que me refiro aos espiritos emancipados, que tinham convicções philosophicas e não á generalidade. Sendo o modo de comprehender o crime um reflexo, um caso especial da nossa concepção do mundo, era natural que o fossemos affectando pelo modo que nos parecesse mais consoante com ella e em ordem a traduzir-lhe as modificações destes ultimos tempos. »

Assim a concepção do crime subordinada a noção mais vasta do direito e esta a da sociedade como a da sociedade se subordina a no universo, os varios ramos do conhecimento humano que procuram determinar as leis que presidem aos phenomenos apparecem nesses departamentos da vida kosmica e social, tambem se acham em subordinação correspondente, a uma concentração harmonica de espheras que se envolvem successivamente umas as outras, do pequeno para o grande, do particular para o geral.

III

No Brazil ainda não é vasta a litteratura da criminologia. Tobias Barreto, sem ter conhecido das novas doutrinas mais do que o livro capital de Lombroso, a *capuz* idéas se não submettem, contudo, com os seus *Memorias e lousas* e com varios escriptos sobre o direito criminal, todos vasados em moldes que não eram os que se vendiam a varejo, contribuindo certamente para o advento da criminologia scientificamente, entre nos (1). Este era um jurista e a elle devemos a introdução, no Brazil, das idéas que iam transformando, no velho mundo, a theoria do direito para imprimir-lhe um cunho moderno, experimental, scientifico.

Outros juristas se lhe seguiram tornando conhecidas as idéas da escola anthropologica, sobretudo as de Lombroso. Lembro os escriptos de Arthur Orlando recitados na *Philocritica* (1886), do Dr. Ferrer, de Cyro de Azevedo e do Dr. João Vieira. Este, porém, não se limitou a escriptos de vulgarisação. Empreendeu um trabalho de maior vulto, o *Commentario philosophico-scientifico do codigo criminal brasileiro* (1888), que, mais, ja fora precedido do *Ensaio de Direito penal* (1884), onde, si ainda nao se nota a completa saturação das idéas da escola positiva, como no *Commentario*, alguma coisa existe devida a influencia de Lombroso, Peguin e Seyff.

Depois appareceram, da these inaugural do Dr. Marcolino Fragoso, sobre o que elle chamou *Genio de Africa*, os trabalhos do Dr. Estellita Tapajoz, de Adelino Filho, do Dr. Nina Rodrigues, de Viveiros de Castro e, ultimamente, de Pedro de Queiroz, no Ceara. Nina Rodrigues, além do estudo de anthropologia criminal sobre o crime do criminoso Lucas, publicou um livro curioso e original — *Raças humanas e a responsabilidade criminal no Brazil* (Bania, 1894). Viveiros de Castro escreveu um forte e bem trabalhado livro de propaganda — *A Noção Eschola penal*, (Rio de Janeiro, 1894) e nos fez conhecer a estatistica do *Suicidio* e dos *Crimes* municipais federaes.

Biologistas e sociologistas, quero dizer, medicos e jurisprudentes, tem lavrado esse mesmo terreno, conduzindo-se cada qual segundo sua orien-

tação philosophica, segundo sua educação mental. A razão é obvia. No crime, como no direito, e mais visivel naquelles do que neste, ha um aspecto puramente biologico: são as raizes, os fundamentos da condicões primarias. Mas esse bolbo não germinaria si não encontrasse o meio social. Dahi o aspecto social do direito do crime, o qual é consideravelmente preponderante.

Continuemos, portanto, em paz as investigações sobre esse escauro assumpto da criminologia. Concentrem-se os biologistas no dominio que lhes é proprio e não terão exigida tarefa; mas não transponham as raias d'elle, sem que previamente se muniram de outros instrumentos adequados a investigação sociologica. Si pela porta da biologia é que devemos entrar na sociologia, não é com os mesmos methodos que as duas ordens de phenomenos se devem estudar. Não teremos resolvido os complexos problemas sociologicos só com as explanações feitas pela biologia.

Por seu turno os sociologistas não desdenhem as conclusões da biologia, saibam afastar os exageros, que tem sido em grande numero, e recollham a verdade biologica, que tem deslavrado o caminho por onde tem de seguir. Si a criminologia deve ser um esgalhamento da sociologia, porque se expande de um dos ramos d'ella, que é o direito, não é possivel esquecer que o criminoso é um individuo biologico, que a vontade, que o sentimento, que a idéa do crime tem sempre uma feição individual, ao lado de outra social.

Antes o direito se transforme sob a acção do espirito scientifico para o estudo da criminalidade, satisfazer as necessidades mentaes do presente do que, por fraqueza ou desidia, abjuz no desse estudo, mutilando assim desastrosamente a construcção juridica moderna. Essa transformação não é mais uma pura aspiração mais ou menos generosa, mais ou menos impulsiva; antes ja vai em meio do caminho, em via de consumir-se.

CLOVIS BEVILAQUA.

Os Potes

*Almas tibias sem fel, mas sem doçura
Q' nenhama curação lhe acrispa o rosto
E prazeres recebem e desgosto
Com o semblante na mesma composta-ra!*

*Auegra dar, os mimos da centura,
Ostonsalegras d'Alca on do solpusto
Tra zem no coraçao a mesma quito
Não quidam dos feiçoes a curcatura*

*Almas que inojeo, pois, não são o' rme-
nhoq
Como q' entraho, q' qualquei espicho
Feriado-ane pruda: dorea, sem fira.*

*Almas sem fel, oh alma sem doçura
Anprozer in saiaçie e a tristura:
D'es axalmas que nidera umi pra mui,*

Fortaleza — 1894.

RODOLPHO THEOPHILLO.

(1) A primeira edição dos *Memorias e lousas* é de 1884; mas o livro já havia apparecido, desde 1882, nas columnas do *Diario*, de Pernambuco.

Doente

*Dores, angustia, insomnia, anciedade, frio! ...
E o meio dia, o sol, o mocidade exhausta!
Tal como o vento arranca ao lago um arrepião,
Arranca o occaso o pranto à tua estrella infausta!*

*Luar das mortas, morto ao frio como o gelo,
O lagrima do sol suspensa da amplidão!
Eu te abomino, luar! Meu Deus, custá-me col-a
Como um cirio a pingar cera sobre um caixão!*

*Noite, Silencio atroz, angustioso. A calma
Agoirenta da febre. O lethargo das cousas...
No negro Campo-Santo as tempestades da alma...
Não é mais imponente a fria paz das louzas!*

*Fecho os olhos e escuto. O silencio retalha
O vento que entra e sac pelas frinchas da porta
Como o som de uma tesoura a cortar a mortalha
Para o meu corpo, e range, e corta, e corta e corta!...*

*Na penumbra indecisa a febre põe cisões
De velhas a rezar ladainhas de mortos,
Lôas para encurtar os lagubres serões
Não deixando-as fechar os olhos absortos.*

*Sobre um panno de luto um Christo, a fronte curva,
Contempla os pés na cruz pregados brutalmente.
E da fronte sangrenta, enlanguescida e turva,
Cae-lhe gottas da cor cernelha de um prente!...*

*Vorta o ambiente o som de orzes mysteriosas,
Commentarios da morte; a dorçea, a agonía...
Contra a paz claustral da cella, as religiozas
Falam baixo porque a tentação espia!...*

*O' fantasmas! Viziões, horror das horas nestas,
Tenho-os odio, ó els chiméras dos dorçes!
Eu não vos quero ao pé de mim sombras funestas,
Queira labios a rir risas bonas, estridentes!*

*E a febre e angustia augmentam! Eu a temer de tria!
Frio d'alma que escuta aos repellers do Div...
O' necreas, entreabi o rosto capuz sombrio
Deixai que eu gose ainda a mocidade e a vida!*

*Crepusculos, carrei vossas sombras do azul;
Não choreis sob o céu de solações, cinzez!...
Quando eu morrer m' basta o pranto bruno e azul
D'aquella que por mim ha de chorar talvez!*

*Men bom sol! Mocidade, aquece-me este peito
Onde o pranto gelou e o coração lirita!
Meus sonhos! Abrigai nas azas o meu leito
Onde dentro de uma alma um turbilhão se agita!*

*O' fantasia! Espanca as sombras tenebrosas,
Mostra-me Ella a sorrir, branca como a lua!
Essa que tem no olhar o velludo das rosas
E possui minha vida encerrada no olhar!...*

—1893.

LIVIO BARRETO.

NO MAR DO NORTE...

(A JOSÉ SABOYA VIRIATO DE MEDEIROS)

I

Martha adormecera recostada a um banco do convés do navio, e o filho pequeno, de seis annos apenas, abutou-se lentamente e foi juntar-se ao grupo tigracella dos meninos do seu tamanho.

O mar era sereno, e encantava a placidez d'essa noite estrelada.

II

Nem o vento tornou-se mais forte, nem foi de embate a rochedo algum o velho barco, que d'antes singrava tão sereno pelo mar a fôr.

Rápida, porem, a confusão se dera a bordo. Profundo choque todos sentiram-n'o, e as mãos despertas em rápido alvoroço, mutua e ansiosa interrogação nos labios, trassam para junto de si os filhos, na perspectiva dubiosa de um perigo imminente.

III

Martha ergueu-se e puxou rapidamente para junto de si uma creança, vestida a marujo que passava perto, seu filho idolatrado, fructo unico de um amor que a morte acabara tão cedo levando para a eternidade o escolhido do seu coração.

A creança reluctou em ficar com ella perguntando ansiosa pela mãe.

—Estava ali, não tivesse medo.

E a joven viuva, puxando-a com mais força, reteve a creança junto de si.

IV

Em breve desceia de vagar o navio ao fundo do pelago immenso n'aquella meia noite, calma pelo oceano afores, cheia de dor n'aquelle pedaco, cemiterio aberto na superficie do mar.

Martha era do numero d'aquelles que se agarravam aos mastros do vapor. Carga leve para uma mãe seria suster n'um dos braços o filho e segurar-se ali com o outro movendo desordenadamente o corpo ao balanço do vapor.

Final cansou e cahiu. Foi quando escaletes do navio que abalroara aquelle, por acaso que a fatalidade somente explica, e parava adiante aos gritos de soccorro, chegaram ali no ponto do naufragio.

Uma mulher foi salva quise sem sentidos. Junto d'ella bojava o cadaver de uma creança, que a todo transe ja seu fofras, ella avitava entregar a gula do mar.

Era, talvez, seu filho. Deposeram-lhe nos braços o pequenino cadaver.

E no escalet de deante uma outra mulher chorava desesperadamente. Salvava consigo um menino, seguramente de seis annos, quasi do tamanho do seu filho. Já que perdera a este em meio da confusão, teve para esse outro filho, irmão do seu na desgraça, o doce carinho que alguma mãe lhe havia de agradecer.

O seu filho, pouco maior, vestia a marujo. Quem dava noticia?

E seus longos soluços casavam-se ao choro entrecortado do menino.

V

O luar como branca cortina cahia sobre a areia da praia. Os escaletes chegavam ali, e os naufragos ajoelhados em frente do mar, olhos erguidos ao céu, tinham nos labios a prece muda de um agradecimento eterno. O mar soluçava perto. Mais forte o soluço das mães sem filhos a procural-os em vão.

Martha de pé na praia prendia nos braços o cadaver de um menino.

Em meio da confusão tomara-o pelo filho. Tão parecido com elle... Entretanto verificou rapidamente o seu engano. Mas um minuto que o deteve, era tarde para deixal-o andar só. Morderia de certo. E vendo-o chorar pela mãe, enquanto Martha procurava de balde o filho, a piedade fêla-a mãe desse outro. Estava ali sua mãe; não tivesse medo, disse a desventurada creança.

Em vão ella procurou, levando-a pela mão, em todos os recantos do vapor, que se submergiu, o outro filho verdadeiro.

Se fosse aquelle o cadaver d'esse, cuja ausencia chorava, tem, ao menos, o consolo de em terra erguer-lhe o pequeno masoléo. Tão escuro, tão profundo o mar! E ser o tumulo immenso do seu filho tão pequeno!

E dentro as mulheres que procuravam ali anciosamente os filhos, marchava algum e atraz uma creança chorava.

—Mamãe... mamãe!

Essa voz cantou alegremente n'alma de Martha o ressusitou-lhe o coração. Como um relampago a esperanças fuzilou diante de seus olhos.

Si não vira o filho morto, elle ainda podia estar vivo. Olhou e...

—Mamãe... mamãe, ria uma creança pulando para abraçal-a ao pescoco.

—Meu... filho!

E a mulher que chorava disse-lhe:

—Si é este o teu filho levá-o.

Entrega-me o cadaver do meu que ali tens... morto morto, quero beijar o meu filho...

E uniu-as então um longo abraço de alegria e de dor.

Rio—95

EDUARDO SABOYA

CHROMOS

XXII

NOIVADOS

No branco oitão da casinha
Ao pé do oiteiro encruada,
Se entretém a moninada
Brincando alegre, á tardinha

Faz-se linda capellinha;
No altar a santa adorada
E' a boneguinha noirada
De uma filha da risinha.

Os noivos—Zéca e Lilica—
Já se casaram. Repica.
O sino—um ferro mouço!

Quebram de Lica a boneca!
Ella chora; diz-lhe o Zéca:
—Voce amouso-se com isso?...!

XXIII

CONTRACTADOS

Ella agora fui pelidu
Porro em Agosto casar-se,
E desde logo pugor-se
Terna promessa devida.

Ao rel-a já promettidu
Vae seu noivo retirar-se...
Mas d'ella ao approximar-se
Sente-a triste... commocida!...

Diz-lhe então.—Tens pena, filha,
De abandonar a familia?...
Responde ella, com ardil:

-Ah! meu Deus, fucei-me um gosto...
Permitti que o mez de Agosto
Caia este anno em Abril...

XXIV

AO FERNANDO WEYNE

Da casinha all', ao lado
Recerdeja a mangubeira,
Brinca, d' sombra, n'uma esteira
Nend ja todo rajado.

Outro—nos galhos trepado—
—O Tonho—esquece a canceira
De pegar a laçandeira
No ninho lá pendurado,

Quando cé que nos danquinhos
A rir, concertam sosinhos
O paé e a mão... mais ninguém!...

Ri-se o Tonho, e grita:—Ae! ae!...
Muito bem! Hein, seu papae!
Namorando c'a mamãe!...

X. CASTRO.

RECADOS

Keith Johnston, o systematico destructor da Rodolpho Theophilo, voltou á fala em resposta ao nosso artigo—Plagiario?

De vespera annunciou *A Republica* o esperado artigo e nós tambem de vespera ficamos a avisados da formidavel estapaña do Sr. Keith Johnston. Antes de lal-a já sabiamos que S. S. se afastaria inteiramente do assumpto

para proseguir em suas insinuações malevolvas contra a individualidade litteraria do Rodolpho, cobrindo de lama a reputação limpa do nosso preso confrade.

Keith Johnston engasgado com umas certas cousas de que não vem ao caso mencionar aqui, deixou de erguer a luva que Rodolpho lhe atirou pelas columnas do *Diario do Ceará* e de destruir as considerações que fizemos sobre plágios. Continua porém a afirmar que os artigos sobre *manchas do sol* publicados nesta folha não são de Rodolpho e sim de um outro que não fez *disto mysterio*, e que ha 13 annos os Srs. Catunda e Th. Pompeu leram os ditos artigos ainda em poder do seu verdadeiro auctor.

Semilhante affirmação alem de parva é absurda, por que ha nos artigos de Rodolpho observações colhidas até o anno de 1891, observações estas que não podim ser feitas 13 annos antes. Salvo si o grande pedregoso a quem Keith Johnston attribue a autoria dos artigos em questão é tambem um *Sonhador, um meditador das cousas celestes* e anda tendo visões como S. S. confessa que teve. Si assim é pode o nosso homem sahir pelo mundo a ler a buena-dicha aos credulos e a annunciar que a idéa predominante do século XIX não é nem a *propagação do cinho de cajú* nem a *fabrico da louça e sim o cultivo da botânica jardina-ria*...

Chamber Son, o assombroso noticiarista que tanto assumpto tem fornecido á esta secção, ha tempos não dá um ar de sua graça e nem faz gemer os prelos do jornal em que escrevo com as descobertas de seus neologismos bizarros.

Dar-se-ha o caso de que o *ganenho* e engenhoso noticiarista tenha dado o prego ou quebrado a penna antes do produzir uma obrinha qualquer que lhe desse entrada no... Pantheon da Porangaba? Não acreditamos em tal, porque Chamber Son não é la rapaz para dar parte do fraco com tão pouco, e nem tambem as nossas constantes piadas tinham por fim fazel-o calar.

E' vordade que tem occorrido uma poderosa circumstancia a qual se pode muito bem attribuir o silencio do Chamber Son. Como sabem os leitores o dengoso noticiarista era especial em noticias de festas: bailes, anniversarios, bodas, baptisados e finalmente tudo quanto era reunião onde havia *comes e bebes*.

Ultimamente, devido a enorme carestia porque vamos atravessando, estas festas tem fracateado, os bailes tem sido menos frequentes e quem faz annos ou baptisa um filho traha de dar ao acto a maior simplicidade possivel, de sorte que o pobre rapaz, a semilhança do *Zé Guedes* de Antonio Bezerra, anda maistratoque um obituario.

E' para lamentar, pois nos dariamos tudo para que o Chamber Son crevesse, para que nos proporcionasse sempre assumpto para estes *Recados* que se incumbiram de fazel-o tão conhecido desde o Amazonas ao Prata e do Ceará ao territorio das Missões.

A.

Imprensa Litteraria

DON QUIXOTE

Esta bella e scintillante revista de Angelo Agostini deu-nos a honra de sua visita. Recebemos os nos. 8, 9, 10, e 11 que estão um verdadeiro mimo.

E' quasi que impossivel destacar qual o melhor dos nos. que temos presentes. Todos elles são melhores... podemos dizer.

Repleta de criticas finissimas traçadas com humor e espirito incomparel, deixando transparecer em cada pagina a nota rubra do lapis privilegiado de Agostini o *don quixote* é, incontestavelmente, a primeira revista caricata do Rio de Janeiro. O texto é o mais variado possivel e a escolha das criticas é sempre palpitante de actualidade, trazendo sempre a cor local de um acontecimento moderno.

Agradecendo a distincção da visita não temos phrases para significar ao *don quixote* o nosso agradecimento pela recepção que fez ao no. 11 d' *O Pão*.

Creia o distincto collega que deveras nos confundio...

REVISTA ILLUSTRADA

Mais uma visita honrosa temos a registar hoje. A veterana das folhas caricatas brasileiras, a *Revista Illustrada*, dignou-se permittir connosco enviando-nos o seu no. 680. Sempre vivás, sempre alegre, sempre irrequieta a popularissima *Revista Illustrada* não tem até hoje desmentido as suas tradições por de mais gloriosas.

Considerando-nos honrados com a distincção da visita desejamos á *Revista* que o futuro lhe seja tão risonho de glorias como tem sido o seu passado.

REVISTA LITTERARIA

De Goyanna, em Pernambuco, chegam-nos os dois primeiros nos. de uma esplendida revista organ-do «Gabinete de Leitura» daquela cidade.

Com o significativo titulo de *Revista Litteraria*, a interessante publicação de que nos occupamos contem instructiva e variada leitura e é primorosamente impressa em magnifico papel.

Para agradecer-lhe a honra da visita não podemos significar melhor do que lhe remetendo *O Pão*.

Temos mais recebido as constantes visitas d' *A Semana*, numeros 78 e 79; *A Noticia Illustrada*, numeros 5, 6 e 7; *Revista Brasileira*, numeros 7, e 8; *Revista Litteraria* de S. Paulo, numeros 6 e 9; *O Cyano* de Ouro Preto, numero 8; *O Livro* e *A Renascença*, da Bahia e a *Revista Contemporanea*, *A Vanguarda* e *Revista Moderna*, do Recife.

Esta ultima distincta collega teve a gentileza de nos enviar uma pequena brochura de onze paginas contendo um conto do Sr. Olympio Galvão intitulado *O Guilherme* e destinado a brinde pelos assignantes da *Revista*. Gratos pelo mimo.

Agora o ponto final, mas antes de o pingar manda a cortezia que agradeçamos ao *Correio Paulistano*, *Diario Popular* e *A Placa*, de S. Paulo, o modo haongeiro por que nos tem rece-

bido. Os collegas nos captiram pela amabilidade que, sem nos fazer commoço, Milhares de agradecimentos.

S. B.

Velho thema

*Podem cantar os sonhos da materia,
o silencio da noite calma e bella,
tudo o que a natureza nos revela,
os mysterios do ceo e a luz sidera;*

*cantem do negro Vicio e da Miseria
o poema que a magoa atroz cinzela;
da ingrata Vida o marq' se encapella;
da luminosa ephera a côr etherea;*

*eu cantarei o Amor que nos domina;
de um casto olhar a branda luz divina
este fogo que abraça e q' em nós arde;*

*porque só tu, ó minha flor bendicta,
tens o doce veneno que me excita,
q' me levas a teus pés como um cobardel*

Pará.

GUILHERME DE MIRANDA.

ARCHIVO

Temos a registrar os seguintes livros e folhetos que acabam de entrar para nossa estante, gentilmente offerecidos por seus auctores:

ARMINHOS — Magnifica collecção de contos do nosso prezado consocio Dr. Garcia Redondo. — Santos — 1882.

A critica dos *Arminhos* não está por fazer, e é por isso que a deixamos de parte para agradecer a Garcia Redondo simplesmente a delicadeza da offerta.

Que elle nos desculpe o laconismo com que tratamos aqui do seu primeiro livro.

RHYTHMOS. Do Recife recebemos dois volumes do nosso sympathico socio-corresponsante Carlos Porto Carneiro — *Rhythmos*, versos, e Licções de Historia Universal Sobre este ultimo daremos mais tarde nessa opinião na secção bibliographica; aqui nos occupamos simplesmente do primeiro.

É uma interessante collecção de versos enfiada num volume de mais de 150 paginas onde ha verdadeiras producções de valor e de merito, escriptas de 1879 a 1890. Em um curto prologo o autor declara que nenhuma vaidade tem de ser tido como poeta e para prevenir a critica a firma que o seu livro «apparece para os seus amigos, para os qua, de ha annos, comego repartir e dividem as dores, as alegrias e as decepções».

Ficamos, portanto, de aviso.

VIROU-SE O FETIÇO — O Sr. Amancio Pereira, remetteu-nos do Espirito-Santo, um folhet. de 63 paginas contendo uma comedia original sua, em um acto.

O trabalho do Sr. Amancio não é do grande folego e nem resiste a uma analyse severa, muito embora imparcial; entretanto notamos que ha movimentação de scena e alguma vida no enredo que se desenvolve sem grande esforço.

ESTATUTOS E RELATORIO — da sociedade « Instituto Beneficente do Mara-

nhão». Dois folhetos onde figuram os fins da sociedade e o movimento da mesma durante o anno de 1894.

KALENDARIO FAZA 1895 — Simplemente mimoso o presente que nos viu a casa de agencias da Sra. Weimann & Comp.^{as}, de Santos.

Um pequeno libretto ricamente cartornado em percalino contendo o *Kalendario dos mezes*, folhas em branco para notas, dados e informações sobre a cidade de Santos, horarios das estradas de ferro de S. Paulo, tabella de cambio completa e uma pequena secção recreativa.

REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO DO Ceará — 2 fasciculos.

O primeiro fasciculo que comprehende o I.º e 2.º trimestre de 1894 é collaborado pelo Dr. Paulino Nogueira, J. B. Perdigo de Oliveira e Dr. Guilherme Studart, offerece leitura proveitosa e variada. O primeiro dos tres signatarios estuda com muita proficiencia, as «execuções de pena de morte no Ceará», que segundo a opinião do erudito historiador se deram scenas horribes; — o segundo publica uma data de sesmaria de terras da antiga capitania do Ceará, e o terceiro alguns pequenos capitulos para a historia do Ceará no seculo XVII.

O segundo fasciculo é redigido só pelo Dr. Paulino Nogueira que continua nos seus estudos sobre «pena de morte no Ceará».

Todo o paciente trabalho do Dr. P. Nogueira merece não só ser lido como estudado, pois ha nelle muitas revelações historicas e que muito aproveitam à mocidade que se dedica ao estudo das leis.

Recomendamos, pois, aos investigadores das cousas passadas o proveitoso trabalho do Dr. Paulino Nogueira que bastante luz veio trazer para a historiador Ceará.

A IMPRENSA EM MINAS GERAES. — OIRO Preto — 1894. — O nosso prezado consocio Bento Ernesto Junior remetteu-nos um folheto de 72 paginas contendo a historia da imprensa em Minas Geraes. É um trabalho curioso onde se acha dessornido todo o movimento jornalístico do opulento Estado Mineiro. O primeiro jornal publicado ali foi um periodico intitulado «Abelha de Itacolunji» apparecido em Ouro Preto a 14 de Janeiro de 1824. A segunda cidade mineira que teve imprensa foi S. João de El-Rei que publicou de 1827 a 1839 um periodico intitulado «O Astro de Minas». A esta foram succedendo outras cidades que tinham tambem seu jornal.

Pela estatistica adicional do alludido folheto vê-se que Minas é o Estado onde se tem publicado mais jornaes até hoje no Brazil.

A todos os ofertantes confessamos honrados pelas gentilezas que nos fizeram.

S. A.

CARTEIRA

ANTONIO SALLES

Para o sertão, onde pretende demorar se algum tempo, tanto quanto seu precioso para se curar de uma ingrata e insubmissa dyspepsia, seguiu no dia 10

do passado acompanhado de sua exm.ª consorte, este nosso querido companheiro de luctar.

É por de mais sensivel a falta que Antonio Salles vai fazer a «O Pão» cujo maior impulso e accitação em todo o paiz deve, podemos dizer, ao seu bello talento e criteriosa orientação; mas consolamos a esperança de que de lá, de onde estiver, ha de nos mandar, segundo prometeu, massa sufficiente para o seu fermento e manipulação.

Que o bom e leal companheiro, o alegre e communicativo Moacyr, se restabelleça logo e volte o mais breve possivel a retomar conta do logar que deixa vago ao nosso lado, mas que traga no bolso alguns punhadinhos de rimas vibrantes, de versos sonoros como elle possui o segredo de fazer

Durante a sua ausencia todos os negocios referentes a «O Pão» devem ser tratados com o nosso gerente.

WALDEMIRO CAVALCANTI

Com igual destino e no mesmodia seguiu tambem este nosso estimado collega que foi com a familia passar a temporada do inverno em sua aprazivel fazenda — Inga.

Bôa viagem e muita gordura é o que desejamos ao Ivan d'Azof, supplicando-lhe que de lá não esqueça «O Pão» com as irradiações do seu nascido talento de jornalista e prosador consciencioso.

CASA BRAZIL

O Sr. Domingos da Silva teve a gentileza de communicar-nos que tendo vendido todo o activo e passivo da *Cooperativa Cearense*, de que era proprietario, passou a gerir a acreditada *Casa Brazil* onde está sempre ás ordens de toda a sua antiga freguezia.

Tomem nota pois.

ALMANACH DO NORTE

Os Srs. Hugo & C.^{as} estabelecidos como casa editora no Recife dirigiram-nos uma circular pedindo collaboração para o *Almanach do Norte* que pretendem publicar para o anno de 1896.

Attendendo ao pedido em tempo o satisfaremos.

THEATRO

A companhia dramatica que ha um mez trabalha no «S. Luiz», continúa a attrahir o publico selecto da capital aos seus excellentes espectaculos.

É ocioso fazer novos elogios aos sympathicos e conscienciosos artistas que têm feito vibrar o casabre da rua Formosa com palmas sinceras e entusiasticas de uma multidão ora commovida até as lagrimas e ora vibrante de riso satisfeito; porque em verdade a companhia que trabalha no «Recreio» do Rio de Janeiro não lhe é superior em ponto algum. Isto já é alguma cousa.

Leve a scena a Sra. Apollonia Pinto, outras peças da altura da «Serpente no Paraizo», para educar um pouco, quanto o gosto de nosso povo, que merecera não só os nossos applausos como até mesmo a nossa gratidão.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difíceis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição. etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculos ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias fecentes ou chronicas.

POUS DENTIFRICOS. Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

30 Rua do Major Facundo 30, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relogios de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc, Relogios para paredes e banca, despertadores de todos os preços. Lunetaria superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, è hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europèa, tem inventado em elegancia luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54.

ESTAMINET UROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos.

108 B — Rua Formosa — 108 B

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO

JOSÉ ELOY DA COSTA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene

Pilulas contra vermes

Para expellir completamente os vermes intestinaes ou lombrigas das crianças e adultos em poucos dias. As unicas de effeito seguro e rapido. Já são purgativas, dispensando assim qualquer purgante. AS PILULAS CONTRA VERMES pelo seu gosto, pela sua formula impõe-se especialmente na medicação das crianças.

Pilulas estomacaeas purgativas.—São de grande efficacia nas Dores de estomago, Dyspepsias, Gastrites, Falta de Appetite, Gastralgias, Nauzeas, Dores de cabeça, Prisões de ventre, Indigestões, etc.

Essencia de salsa parrilha.—E' o purificador mais ENERGETICO DO CEARÁ. Cura radicalmente as molestias provenientes da fraqueza, impureza e falta de nutrição do sangue—Syphilis, Rheumatismo syphilitico, Boubas, Ulceras venereas, DARTHROS, Impigem, Sarnaas, Gommias, Cancros, etc., etc.

Mistura ante-bleorrhagica ou Injecção Menedes.—Cura rapidamente bleorrhagias recentes ou chronicas.—CURA CERTA EM 3 DIAS.

Goltas odontalgicas.—Preparação composta de diversas substancias balsamicas, produzindo instantaneamente a cura das mais fortes dores de dentes.

Pós para dentes. Alem de agradaveis, promettem pelo seu uzo continuado um completo asseio da bocca e dos dentes, conservando a estes a sua coloração natural, trasendo a bocca em constante limpeza, prevenindo as caries dentarias e as molestias.

Xarope depurativo de cascas amargas de laranjas e iodureto de potassio.—Applicado com vantagem contra o Rheumatismo e as diversas affecções syphiliticas.

Elixir anti-syphilitico de cajú.—Especifico contra as molestias de pelle.

Xarope de bromureto de potassio e cascas amargas de laranjas.—Applicado com successo nas molestias do coração, das vias digestivas, da respiração, na epilepsia e nas insomnias das crianças durante o periodo da dentição.

Tinta preta e indelevel para marcar roupa.—Acompanha um vidio mordente para preparar o plano que se quiser marcar.

Vinho de cajú—É conhecido e acreditado. Não é nocivo a saúde e substitue aos vinhos vindos do estrangeiro.

Todos estes medicamentos se achão a venda na Pharmacia Theodorico de **JOSE ELOY DA COSTA** RUA MAJOR FACUNDO 66 — FORTALEZA.

DROGARIA CENTRAL de **Guilherme Rocha & C^a** e na cidade do Crato na casa commercial de **POSSIDONIO PORTO & C^a**.

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico—CONFUCIO—Telephone n. 31

31 Caixa do Correio 31

Confucio Pamplona & C^a

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas à cosinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cosinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objecto para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da — Franca, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61— Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

— FORTALEZA —

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ. STUBART Rua Formosa n. 36.